

# Vírus que ataca coelhos ameaça conservação de lince-ibérico e águia imperial

3 de Novembro, 2016

Um estudo desenvolvido por investigadores do Porto e de Espanha indica que uma nova variante do vírus da Doença Hemorrágica Viral (DHV) do coelho pode ameaçar a conservação das populações de lince-ibérico e águia-imperial na Península Ibérica. O projeto, coordenado pelo Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos da Universidade do Porto (CIBIO-InBIO), envolve investigadores das áreas da ecologia, da biologia da conservação e da virologia, e técnicos de órgãos governamentais e de organizações não-governamentais dos dois países, revela a agência Lusa.

A equipa avaliou os efeitos reais da nova variante da DHV do coelho-bravo na conservação dos ecossistemas ibéricos, identificando um decréscimo anual de cerca de 20% nas suas populações naturais.

De acordo com o investigador do CIBIO-InBIO Pedro Monterroso, este vírus, (detetado em França, em 2010, tendo atingido Espanha em 2011 e Portugal em 2012) é fulminante e não tem características externas. “Enquanto o vírus anterior só afetava a população adulta, nesta variante, os coelhos jovens – inclusive acabados de nascer – são também uma classe muito suscetível da doença”, indicou à Lusa, acrescentando que, devido a isso, “não há recrutamento de novos indivíduos para a população, que diminui cada vez mais”.

A maior parte dos coelhos encontrados mortos no campo e analisados eram positivos para a nova variante, “sendo que mais de 50% eram animais com menos de seis meses”, acrescentaram os membros do CIBIO-InBIO, Pedro Esteves e Joana Abrantes.

A escassez de alimentos originada pelo vírus levou a uma diminuição do número de indivíduos reprodutores de lince-ibérico, na serra de Andújar (Espanha), e de águia-imperial-ibérica, na região do vale do Guadiana (Portugal). Segundo Pedro Monterroso, na ausência de alimento, estas espécies vão reduzir os gastos de energia com funções não vitais, nomeadamente com a reprodução.

O lince-ibérico e a águia-imperial-ibérica são dois predadores de topo, exclusivos da Península Ibérica, e a sua diminuição pode conduzir “a um aumento de predadores generalistas, como a raposa e o sacarrabos, capazes de causar um efeito ainda maior na supressão do coelho-bravo, perpetuando os efeitos da DHV”. “Pela posição que ocupam, estas espécies são peças fundamentais na manutenção da estabilidade dos ecossistemas e na regulação de outras populações”, explicou.

O professor da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto e coordenador do grupo de investigação do CIBIO-InBIO envolvido neste trabalho, Paulo Célio

Alves, acredita que a eficiente conservação dos ecossistemas apenas é conseguida através de fortes colaborações pessoais e institucionais, tanto a nível nacional como a nível internacional. “Este tipo de resultados apenas é possível através da articulação de esforços entre instituições, com a criação de grupos multidisciplinares que trabalham em conjunto para a conservação das espécies e dos ecossistemas “, concluiu.

O estudo vai ser publicado na revista científica Scientific Reports, do grupo Nature.